

Os 100 anos de "Introdução ao Narcisismo"

233 - abril de 2014

Temática

O Filho Eterno, um olhar paterno: o narcisismo na obra de Cristovão Tezza

Maurício Eugênio Maliska e Carmen Lucia dos Anjos Ferreira

Introdução

O *Filho Eterno*¹ de Cristovão Tezza²(2011) é um romance de ficção baseado nas próprias vivências do autor. Revela as sensíveis questões que envolvem a narrativa de um pai frente à deficiência de seu filho. Tezza, além de autor, é também uma parte do personagem do *Filho Eterno* e, ambos, possuem muitas coisas em comum: são professores e escritores em busca de reconhecimento, ambos com um filho com síndrome de Down e, ainda, com muitas dúvidas e incertezas a respeito da vida, da paternidade e de si mesmos.

Tezza (2014) acrescenta que, após o nascimento deste filho, cogitou escrever sobre o assunto, mas precisava encontrar *oponto certo* para não incorrer no erro de fazer um relato autobiográfico, pois não era esta sua intenção. Além disso, complementa, precisava de coragem para falar sobre um assunto que, com certeza, foi o mais impactante de sua vida. Porém, prossegue o autor, sentia que havia nele um desejo de falar, não exatamente a respeito da síndrome de Down, mas das relações de pai e filho, das reações a partir da notícia, das expectativas, da vida e sobre ele mesmo. Encontra o *ponto certo* quando decide transformar o personagem em um sujeito, sem nome, narrado na terceira pessoa do singular. Esse fato lhe deu a coragem necessária para que pudesse se entregar à obra, sem nenhum pudor. Trata-se, então, (MARTINS, 2011, p.190) de uma escrita do eu, em que o eu do discurso referencial se projeta no ele, máscara da ficção.

Certo de sua escolha, Tezza (2014), acrescenta: “Já sou um narrador naturalmente impiedoso e, ao me transformar em personagem, pude bater em mim mesmo sem problema”. Assim, desejando escrever, conta a história que tem início na primavera de 1980 quando, no hospital, durante a espera angustiante que envolve o momento que antecede ao nascimento de um filho, o pai, faz uma série de reflexões a respeito de si e da ideia de um filho. Da mesma forma que não sabe ainda como será este filho, também não sabe ainda quem ele é.

Aos vinte e oito anos, sem uma profissão definida, esse pai – sem nome na narrativa – depende financeiramente de sua esposa, mas sonha poder viver da literatura. Consegue publicar alguns contos, porém ainda insuficientes para projetá-lo como um escritor. Homem muito crítico. Sabia que precisava escrever sobre algo, mas não sabia exatamente sobre o quê. E mesmo não gostando de muita coisa que escrevia, escrevia muito.

Enquanto alternava entre o medo da situação desconhecida e as mudanças que o nascimento de um filho traria para sua vida, experimentava as mais variadas expectativas. Flagrava-se pensando em como daria a feliz notícia aos familiares e amigos desprezando as características físicas do novo bebê e reproduzindo as boas notícias informadas pela equipe médica.

Sim, há algo de engraçado nesta espera. É um papel que representamos: o pai angustiado, a mãe feliz, a criança chorando, o médico sorridente, o vulto desconhecido que surge do nada e nos dá parabéns [...] (TEZZA, 2011, p. 9).

Em seus pensamentos, apesar de reconhecer a angústia que permeia um parto, conseguia imaginar o filho crescendo, passando por todas as etapas de desenvolvimento e tornando-se muito parecido com ele. Porém, esse filho tão exaltado em sua mente, nasce com síndrome de Down e este fato surpreende este pai que o rejeita fortemente.

No entanto, com toda rejeição diante da situação, ele assume sua responsabilidade com o cuidado da criança, levando-a para médicos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e pesquisando com interesse a síndrome de Down, para melhor conhecê-la. Em seu discurso, destaca aspectos sociais que envolvem a síndrome como o preconceito, a ilusão de normalidade que as pessoas tentam forjar, os tratamentos e suas características específicas. No percurso da narrativa, o pai vai trazendo, a cada situação vivida com o filho, amostras de suas experiências do passado como: sua militância política na juventude, as festas, o primeiro amor, a vida no exterior, lembranças de projetos não concluídos, seus escritos e os livros rejeitados pelas editoras. Traz ainda algumas descrições de si mesmo. Por um lado, define-se como sendo extremamente orgulhoso, teimoso e solitário, e por outro, uma pessoa que se assume como dependente financeiramente de sua mulher e consciente de sua própria insegurança.

E foi nesse cenário psicológico descrito pelo autor, que este filho se inseriu. Um filho que faz a diferença e provoca mudanças substanciais nesse pai, levando-o a perceber, em seu processo de amadurecimento, que não era o filho o problema, e sim ele. Aceitar a diferença do filho demarca o ponto crucial do movimento da mudança subjetiva do pai.

Além disso, os pais criam diversas expectativas, projetando no bebê que vai nascer seus desejos não realizados, como se o filho viesse ao mundo para realizar o que os pais não fizeram, ou não se tornaram. Ou ainda, para os pais, os filhos deverão ser como os pais, fazendo o que os pais fizeram. Nesse sentido, Freud se refere ao amor dos pais pelos filhos como narcísico: “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é se não o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente, revela sua natureza anterior”. (FREUD, 1914, p.108).

A obra *O Filho Eterno* traz o discurso de um pai diante da frustração com seu filho. O que existe de narcisismo no discurso desse pai que não encontra esse filho e por isso o chama de “filho invisível” (TEZZA, 2011, p. 131), ou ainda, o vê como um “filho errado” (p. 38) ou “uma coisa esquisita” (p. 37)? Que imagem que se quebra com a feição Down do filho?

O Narcisismo

A lenda de Narciso é uma das mais comentadas da antiguidade. Freud (1914), a partir dela, nomeia um dos seus trabalhos mais importantes, *Sobre o narcisismo: uma introdução* – que “pode ser considerado como um dos fatores centrais na evolução dos seus conceitos”. (FREUD, 1914, p. 86).

A referência ao mito de Narciso, “que evoca o amor dirigido à própria imagem” (NASIO, 1997, p. 47), traz ao termo a importância que lhe cabe dentro da teoria psicanalítica. Segundo Freud (1914, p. 93), o termo narcisismo surge como uma fase intermediária necessária entre o auto-erotismo e o amor objetal, e foi usado, por Freud, pela primeira vez em 1909 numa reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena.

No entanto, foi em 1910, que Freud trouxe pela primeira vez para a história da psicanálise o conceito de narcisismo apresentado no texto *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*. Freud retoma o conceito de narcisismo no *Caso Schreber* (1911) e em *Totem e Tabu* (1913) quando “compara o narcisismo à fase animista da história da humanidade”. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 18). Porém, é no artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução* de 1914, que apresenta o conceito de forma mais ampla.

A obra de Freud traz a compreensão de que o narcisismo ocupa um lugar específico entre o eu e os objetos, apontando para as diferenças localizadas entre a libido do eu e a libido objetal, como uma continuação da teoria da libido. O narcisista, segundo Freud (1914), trata o próprio corpo como objeto sexual, “[...] que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades”. (FREUD, 1914, p. 89). O texto sobre o Narcisismo “é balizador do percurso teórico freudiano” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 15), ou seja, ele determina a grandeza dentro deste percurso.

A compreensão do termo auto-erotismo, citado acima, encontra-se no texto *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, que o autor escreve em 1905 e sua compreensão é importante para que se chegue ao narcisismo. Freud, alguns anos antes da publicação deste texto, já havia despertado para as questões que envolviam a sexualidade e ela é considerada fator importante para a constituição das neuroses. Para Freud,

[...] estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao eu não pode existir no indivíduo desde o começo; o eu tem de ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo. (FREUD, 1914. p. 93, grifo nosso).

A afirmação contida nas primeiras páginas do texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* é indiscutível: “[...] o eu não está presente desde o início, tem que ser acrescentado ao auto-erotismo para o narcisismo se constituir” (FREUD, 1914, p. 84). Dessa forma, temos em Garcia-Roza (2008), a constatação de que se acrescenta a pulsão auto-erótica uma ação psíquica – o eu – para dar forma ao narcisismo. Segundo este autor, o auto-erotismo está presente desde o começo da vida do bebê, e neste começo, não existe a fundação de algo que seja comparado ao eu. O que existe é a pulsão sexual satisfazendo-se no próprio corpo. Portanto o eu precisa ser desenvolvido, “para que o termo ‘narcisismo’ faça justiça a sua origem” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 47).

No auto-erotismo falta o eu, ou seja, falta a “representação complexa que o indivíduo faz de si mesmo” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 48). Nesse momento, o bebê não se vê separado da mãe – ele e a mãe são um só corpo, indissociável. A mãe é aquela que dá carinho, cuida e alimenta. É a pessoa que libidinizava o bebê. Então, para o bebê surge um eu dessa imagem unificada que ele faz de seu próprio corpo. Esse é o eu ideal que corresponde ao narcisismo primário.

Mas, a criança começa a se separar da mãe e começa a se perceber como um corpo independente, outro corpo. Ela começa a investir na mãe esperando um retorno. Encontra-se então, o narcisismo secundário que é o resultado do retorno ao eu do investimento que esse eu faz nos objetos externos para, em seguida, o eu tornar-se objeto novamente. A criança agora investe libido em objetos externos e espera o retorno para ela mesma. No narcisismo primário, além da mãe investindo no bebê, o próprio bebê investe nele mesmo – na célula narcísica mãe-bebê, porque essa célula representa um só eu.

Dessa forma, desde muito cedo se pode observar nas crianças um investimento libidinal em seu próprio ser, seu próprio corpo. Freud estudava os sintomas neuróticos, onde a libido investida no objeto exterior pode ser retirada sendo substituída na fantasia. O neurótico não suspendeu seu vínculo erótico com pessoas e coisas. Nas psicoses isso não ocorre, pois o sujeito não consegue substituir na fantasia o objeto retirado. Nessa situação, o sujeito por abolir a realidade exterior, retira a libido desse mundo e a redireciona ao eu, dando origem a uma posição narcísica.

Em *O Filho Eterno* vemos o narcisismo do pai, que ao esperar pelo nascimento do filho cria muitas expectativas, que produzem efeitos imaginários. Estas estariam diretamente ligadas ao seu próprio narcisismo, ou seja, haveria uma projeção sobre o filho de suas próprias fantasias. “[...] o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal [...]”. (FREUD, 1914, p. 111). O narcisismo projetado é hoje o ideal do eu substituindo o eu ideal perdido na infância.

Os pais atribuem aos filhos tudo que lhes faltou na vida como se estes pudessem honrá-los, ou vingá-los por aquilo que eles não têm ou que não foram. Esta é uma característica narcísica comum a todos os pais, antes mesmo de conceberem os filhos. Não conseguindo sustentar o seu eu ideal, eles transportam para os filhos essa missão como se estes pudessem fazê-lo. O pai deseja que o filho dê continuidade ao seu projeto fracassado, acreditando que com o filho tudo será realizável. Segundo Freud (1914), a atitude emocional dos pais, que supervaloriza este filho, revela o caráter narcísico deste afeto quando, ao filho, atribuem-se todas as perfeições e eliminam-se todas as suas deficiências. Com efeito:

[...] Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. O indicador digno de confiança constituído pela supervalorização, que já reconhecemos como um estigma narcísico no caso da escolha objetal, domina como todos nós sabemos, sua atitude emocional. Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho — o que uma observação sóbria não permitiria — e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele [...] (FREUD, 1914, pp. 107-108).

O Narcisismo e O Filho Eterno

Em nossa leitura, a obra de Tezza (2011) destaca alguns pontos em que o mito de Narciso introduz os laços, os encontros e os desencontros de um pai com seu filho. Em seu imaginário, Narciso diz não precisar de ninguém além de si mesmo, assim como o pai, na obra de Tezza, muitas vezes, sonhou não precisar. O espelho revelador de Narciso foi o lago. O espelho revelador do pai foi o filho. O espelho cristalino de Narciso o deixa fascinado por sua própria imagem. O espelho do pai, cheio de ranhuras, o impedia de ver nitidamente a imagem de seu semelhante. Assim, esse espelho revela o narcisismo do pai. O que se refletia nele não condizia com sua imagem ideal. O pai sente dificuldade em olhar para o filho, que o lembra sempre tudo que não lhe agrada. (TEZZA, 2011, p. 54).

Segundo Vanier (2005), um dos interesses de Lacan pelo estudo do narcisismo era verificar o fascínio dos sujeitos por sua própria imagem e como eles são capturados por ela. Lacan demonstra grande interesse pelas relações que os sujeitos estabelecem com ele mesmo e com os outros que estão ao seu redor e explora essa questão em sua trajetória. O filho funciona como depositário das dificuldades do pai porque este pai não quer abrir mão da suposta perfeição narcísica de sua infância.

Em uma das passagens do livro, Tezza diz:

O mundo não fala. Sou eu que dou a ele a minha palavra; sou eu que digo o que as coisas são. Esse é um poder inigualável — eu posso falsificar tudo e todos, sempre, um Midas Narciso, *fazendo de tudo minha imagem, desejo e semelhança*. Que é mais ou menos o que todos fazem, o tempo todo: falsificar. (TEZZA, 2011, p. 36, grifo nosso).

Cada sujeito que olha para o mundo vê diversas imagens a partir de sua visão e para cada sujeito essas imagens terão um significado, um sentido diferente. Quando o personagem diz que “tudo” será a imagem dele, significa dizer que todos olharão para tudo, e só verão a imagem deste sujeito. O mundo será uma extensão deste sujeito, será ele próprio.

No entanto, essa onipotência do pai, numa dimensão simbólica, é abalada. O seu ideal do eu ao deparar-se com essa realidade vê-se obrigado a encontrar novas saídas para lidar com a castração de não ter conseguido ter o filho perfeito, idealizado.

Ao procurar sua imagem e semelhança no outro, tomando dele traços de identificação, o sujeito o faz através de uma relação imaginária que poderá ser perigosa na medida em que deverá fazer uma escolha entre ele e o outro. Tal qual se pôde expor no mito em que Narciso se afoga e morre tentando encontrar e tocar em sua própria imagem.

A saída trágica de Narciso, ou talvez, a falta de saída para o seu próprio narcisismo, o fez permanecer no lugar de busca intensa dessa imagem própria, idealizada e mortífera. A manutenção desse eu ideal poderá encontrar esse final trágico do mito de Narciso. Segundo Vanier (2005, p. 22), “[...] a relação que o sujeito mantém com sua imagem no espelho e com seu semelhante — conduz a uma dificuldade própria da dimensão narcísica”.

A dimensão narcísica do personagem de Tezza, apesar de toda angústia e dificuldade própria, foi, de certa forma, a maneira como ele consegue encontrar saídas para superar e trazer novos significantes para o seu narcisismo tão arranhado. Ele esperava encontrar no filho algo que trouxesse sua completude buscando na imagem dele uma satisfação capaz de completá-lo. Ele ainda não sabia que essa completude jamais se confirmaria — não por ter um filho com síndrome de Down, mas pelo simples fato de que nunca será possível encontrar aquela experiência de satisfação total, supostamente, obtida num tempo perdido. Mas, a procura por ela, é inerente ao sujeito.

O personagem, num processo dolorido, encontra-se com o real da vida. “Foi preciso que nascesse o seu filho para que, de um golpe só, percebesse a fissura medonha daquele otimismo cósmico que ele havia tomado de empréstimo de algum lugar [...]”. (TEZZA, 2011, p. 55). Segundo Vanier (2005, p. 22), para Lacan, essa saída narcísica que tira o sujeito dessa condição imaginária, “é a fala e a linguagem”. No caso da obra de Tezza, é a linguagem do personagem traduzida nas palavras do livro que, coincidindo mais uma vez com o autor, promove uma mudança subjetiva no pai.

Essa dimensão da experiência linguageira, vivida pelo pai por meio das palavras reveladas em seu livro, permitiu-lhe uma nova narrativa sobre o filho e, principalmente, sobre ele mesmo. O narcisismo arranhado faz emergir no sujeito a agressividade. Assim, a palavra agindo como mediadora “permite [...] transcender a relação agressiva fundamental com a miragem do semelhante” (VANIER, 2005, p. 23), tornando-se parte integrante da nova realidade.

O pai, na obra, agredia o filho com palavras de insulto, e teve muita raiva do mundo e dele mesmo. Para Garcia-Roza (2008, p.76), “[...] narcisismo e agressividade são processos correlatos e contemporâneos na formação do eu [...]”. Em *O Filho Eterno*, parte da desconstrução dos sonhos do pai — que não estava na síndrome do filho, mas na formação de seu próprio eu ideal e na frustração de não sustentar o ideal do eu — vai se modificando e ganhando novos significantes com a narrativa do livro, e também significantes novos, que transformam essa história e o próprio personagem protagonista da obra (o pai). Ao longo da ficção, o pai consegue nomear muitas das suas dificuldades. Essa movimentação vai se revelando em diferentes passagens do personagem, como esta, em que o pai está na sala de espera para mais uma avaliação médica para o filho e pensa: “o que estou fazendo aqui? Sou eu que preciso de avaliação, não a criança”. (TEZZA, 2011, p. 62).

No entanto, há um desencontro entre o ideal do eu do pai e o filho imaginário nesse percurso que faz com que o pai leve anos para conseguir olhar para o filho real. O filho idealizado não foi encontrado pelo fato de ter existido somente no imaginário do pai, mas, acredita-se que outro Felipe tenha nascido para este pai a partir de um significante novo que emerge com o nome próprio e, isso dá outro enredo para essa narrativa. Surge Felipe para o pai, mas para Felipe⁴, até sua fase adulta e até onde se foi possível conhecer, a palavra pai continuou indizível.

O pai imperfeito é “a coisa” que ele não queria ver, mas é o que – na falta da perfeição esperada, se revela na imagem do filho. E assim, quem era *O Filho Eterno* no imaginário do pai, se não um filho *père(feito)*⁵, feito de *père* (pai, na língua francesa). Um *père(feito)* é um pai perfeito e, portanto, um *pai eterno*.

Referências Bibliográficas

FREUD, Sigmund. Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância (1910). In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 11.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 7.

_____. Totem e Tabu (1913). In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 13.

_____. Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um Caso de Paranóia (*Dementia Paranoides*) (1911). In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 12.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia Freudiana*. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MARTINS, Ana F. Uma discussão teórica acerca da autoficção: a ficcionalização de si em *O filho eterno*, de Cristovão Tezza. In: *Letrônica*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p.181-195, jun. 2011.

NASIO, Juan-David. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

TEZZA, Cristóvão. *O filho eterno*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2011.

_____. *Obras*. Disponível em: <http://www.cristovaotezza.com.br/p_obras.htm>. Acesso em: 20 mar. 2014.

VANIER, Alain. *Lacan*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

Autor: Maurício Eugênio Maliska e Carmen Lucia dos Anjos Ferreira

* Maurício Eugênio Maliska é psicanalista, membro de Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica, professor de Psicanálise no curso de Psicologia e no Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul).

* Carmen Lucia dos Anjos Ferreira é psicóloga, graduada pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul).

1O romance *O Filho Eterno* foi lançado em 2007 e tem se destacado através de prestigiados prêmios de literatura em sua categoria. Prova disso é o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte – APCA, na categoria de melhor obra de ficção do ano. Tornou-se o mais premiado romance do ano de 2008, com os prêmios: Jabuti, Bravo! , São Paulo de Literatura, Faz Diferença 2008 e Portugal-Telecom de Literatura. Em dezembro de 2009, *O Filho Eterno* foi considerado pelo jornal O Globo (RJ) uma das dez melhores obras de ficção da década, no Brasil. O romance também foi publicado na Itália, Portugal, França, Holanda, Espanha, Austrália e Nova Zelândia, tendo recebido na França, em 2010, um prêmio da Associação Francesa de Psiquiatria. Em 2012 foi finalista do Prêmio Internacional IMPAC – Dublin de Literatura, além de adaptações para o teatro.

2 Cristovão Tezza, escritor, nascido em Lages, SC. Foi professor de língua portuguesa na UFSC e na UFPR. Desiste do magistério e dedica-se exclusivamente à literatura. Em 1988 publica *Trapo* tornando-se conhecido nacionalmente. Publicou vários outros livros e recebeu prêmios importantes. Publica resenhas e textos críticos em revistas e jornais.

3Nota do Editor Inglês James Strachey. In *Obras completas de Sigmund Freud*. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1970. p. 58.

4Nome idealizado pelo pai, nome de cavaleiro, que vence desafios. Após o nascimento, o pai não conseguia nomeá-lo dessa forma, o chama de “coisa”, “pitusco” etc.

5Este jogo homofônico perfeito/*pèrefeito* foi proposto por Claudemir Pedroso Flores no texto “Um filho *pèrefeito*” apresentado na jornada – *Amor, sexo, morte* – comemorativa aos 25 anos da Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica, realizada nos dias 16 e 17 de outubro de 2009, no auditório da Federação do Comércio (Fecomércio), em Florianópolis, SC.